

Para além das mãos: elementos para o estudo da expressão facial (EF) em Língua Gestual Portuguesa (LGP)*

Beyond hands: elements for the study of facial expression in Portuguese Sign Language

Amílcar Morais**, João Champalimaud Jardim, Ana Silva e Ana Mineiro

Resumo

O presente artigo aborda a expressão facial (EF) enquanto parâmetro fonológico na Língua Gestual Portuguesa (LGP). A expressão facial em LGP assume assim funções linguísticas gramaticalizadas promovendo, por um lado a entoação e por outro lado a estruturação morfofonológica dos gestos em LGP. A EF não parece possuir o mesmo valor linguístico em todas as línguas gestuais no mundo e neste artigo aventámos a hipótese que não se encontra confirmada de ela assumir um maior relevo nas línguas gestuais dos países que aderiram às orientações do Congresso de Milão (1880), nomeadamente a LGP.

Palavras-chave: Língua Gestual Portuguesa – Fonologia – Expressão Facial ◀◀

Abstract

This article looks into facial expression (EF) as a phonological parameter in Portuguese Sign Language (LGP). In LGP, facial expression assumes grammatical linguistic functions, and it promotes intonation and morphophonological structure in LGP signs. EF does not possess the same linguistic value in every sign language in the world. In this article we propose the not confirmed hypothesis that EF might have a more relevant part in sign languages that have obeyed the orientations of the Milan Congress (1880). This is the case of LGP.

Keywords: Portuguese Sign Language – Phonology – Facial Expression ◀◀

1. Notas Introdutórias

Todos os seres humanos utilizam a expressão facial para comunicar e muitas dessas expressões são universais e servem propósitos emocionais, comunicativos, ao serviço, muitas vezes, da empatia (Ekman, 1982).

A comunicação humana através da expressão facial é universal e não raras vezes quando se perde a comunicação verbal, em caso de patologia, resta este recurso que se estende como uma ponte entre aquele que perdeu, literalmente, “o verbo” e o mundo que o rodeia.

Não parece assim estranho que as pessoas Surdas cuja comunicação assenta primordialmente em

características visuais utilizem a expressão facial na sua comunicação gestual.

O que é importante salientar é que o uso da expressão facial nas línguas gestuais é diferente daquele que se agrega idiossincriticamente e de forma independente às línguas verbais, pautando-se, pela gramaticalização dessa expressão facial (**EF**).

Neste artigo pretendemos explorar a expressão facial em LGP distinguindo a **EF** gramatical da expressão facial não linguística e reveladora de aspectos de cariz emocional que ocorre na comunicação humana servindo de meio para transmitir estados emocionais não “verbalizados”.

* Trabalho académico realizado no âmbito de Unidade Curricular de Fonética e Fonologia nas Línguas Orais e Gestuais na Licenciatura PRO_LGP.

** micaze1976@hotmail.com

2. A gramaticalização da EF nas línguas gestuais e, particularmente na LGP

Na tentativa de comprovar a gramaticalidade da **EF** em *American Sign Language* (ASL), Janzen (1998) argumenta que as perguntas e respostas que envolvem **sim/não** através da **EF** em ASL derivam de uma evolução universal na forma de questionar, nas línguas gestuais. Uma abordagem deste tipo explicaria o motivo da existência de certas superarticulações¹ básicas, nomeadamente a omnipresença da **EF** presente nas interrogativas das línguas gestuais. Este facto assemelharia às línguas gestuais as línguas orais já que as perguntas nas línguas orais se encontram universalmente marcadas pela subida de tom (Bolinger, 1986). Uma das explicações plausíveis para esta universalidade relaciona-se com factores puramente biológicos e que são, agora, considerados padrões inatos (Ohalá, 1984). Consequentemente, esses padrões consideram-se agora gramaticalizados (Gussenhoven, 1999).

É certo que nas duas modalidades, gestual e oral os dois sistemas (emocional e linguístico) coexistem. Como distinguir assim a **EF** gramatical ou linguística da expressão facial emocional ou não linguística?

No que respeita a **EF gramatical** – pois é desta que nos vamos ocupar neste artigo – esta adquire, por um lado e na LGP, funções semelhantes à prosódia das línguas orais servindo também de marcador quanto ao tipo de frase (*e.g. afirmativo, exclamativo, imperativo, interrogativo, quantidade, relação temporal*, etc.). Neste último caso, a EF é diferente consoante o “tipo” de frase. Por outro lado, a **EF** gramatical em LGP marca distinções fonológicas importantes como sejam os pares mínimos, ou as formas gramaticais dos modificadores adverbiais e adjectivais.

No que concerne a **EF não gramatical** ela é, em tudo, semelhante à expressão que utilizamos emocionalmente para comunicarmos e que não se encontra “gramaticalizada”, servindo apenas de propósito comunicativo das emoções.

Ao longo deste artigo e na senda do que foi feito para a **EF** na Língua Gestual Israelita por Meier & Sandler (2008), distinguiremos o papel gramatical da EF em LGP, enquanto parâmetro fonológico desta língua (Mineiro & Colaço, 2010), nomeadamente no que respeita (i) a estrutura prosódica e entoação facial em LGP, (ii) a expressão facial enquanto parte

do gesto, (iii) a expressão facial distintiva dos pares mínimos, (iv) a expressão facial enquanto marcadora das formas gramaticais como os modificadores adverbiais e adjectivais e (v) a expressão facial acompanhada de vocalização.

(i) a estrutura prosódica e entoação facial em LGP

Apesar da diferença de “canais” entre as línguas de modalidade oral e gestual, a verdade é que as línguas gestuais operam de acordo com os princípios organizacionais e estruturais que subjazem a todas as línguas no mundo, obedecendo assim aos “universais linguísticos” (Sandler & Lillo Martin, 2006). As línguas gestuais têm, assim, sistemas prosódicos que envolvem a informação pragmática (i.e. intenção dos interlocutores, conhecimento geral), semântica e sintáctica.

Em LGP o “ritmo” encontra-se marcado pelo movimento e pausa das mãos e a “entoação” que passaremos a denominar de superarticulação consiste nas expressões faciais assumidas pela cara, olhos, sobrancelhas, cabeça ou tronco.

No que diz respeito ao espaço que abrange as várias partes da EF, as áreas de articulação mais frequentes na LGP são: (a) *cimo da cabeça*, (b) *testa*, (c) *têmporas*, (d) *olhos*, (e) *nariz*, (f) *bochecha*, (g) *orelha*, (h) *boca*, (i) *lábios*, (j) *queixo*, (l) *pescoço*, (m) *ombro*, (n) *esterno*, (o) *meio do tronco*, (p) *abdómen*, (q) *braço*, (r) *antebraço*, (s) *perna*.

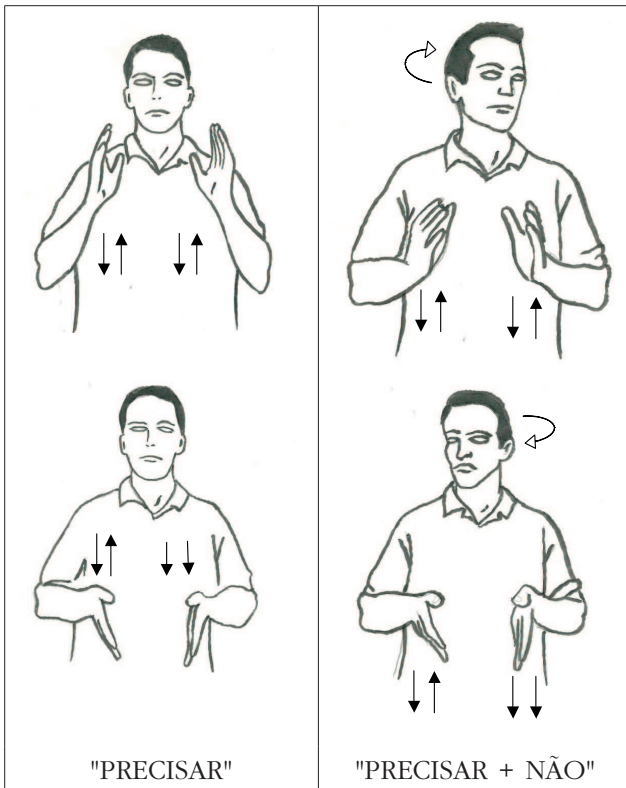
A EF em LGP pode assumir os seguintes movimentos:

Rosto	Cabeça	Rosto e cabeça	Tronco
Parte superior: Sobrancelhas: franzidas (fechadas) e levantadas (abertas); Olhos;	Movimento para frente e para baixo (sim) e para os lados (não); Inclinação para a frente, para o lado e trás;	Cabeça projectada para a frente; Olhos levemente cerrados e sobrancelhas franzidas ou levantadas; Cabeça projectada para trás e olhos; Cabeça em rotação;	Balanceamento alternado dos ombros; Balanceamento simultâneo dos ombros; Balanceamento de um único ombro.

(Quadro 1)

¹ Superarticulação é o termo usado por Wendy Sandler (1989) para designar o equivalente à entoação nas línguas orais.

Na figura que se segue (figura 1) vemos como a expressão facial em que a **cabeça roda** modifica o gesto de PRECISAR em PRECISAR + NÃO.

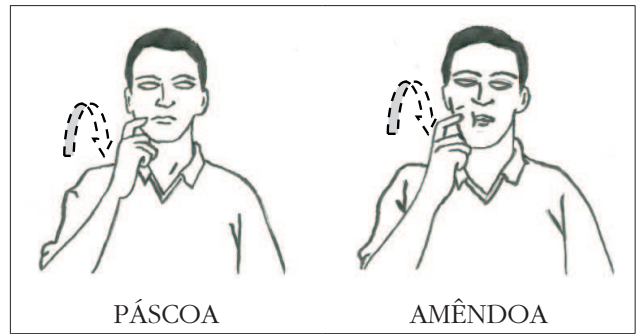


(Fig. 1)

(ii) a expressão facial enquanto parte do gesto

Na primeira descrição sistemática da **EF** em ASL, Lidell (1980) distingue a **EF** entoacional da **EF** que faz parte integrante do gesto e ainda da **EF** que acompanha certos gestos em função adjectival ou adverbial.

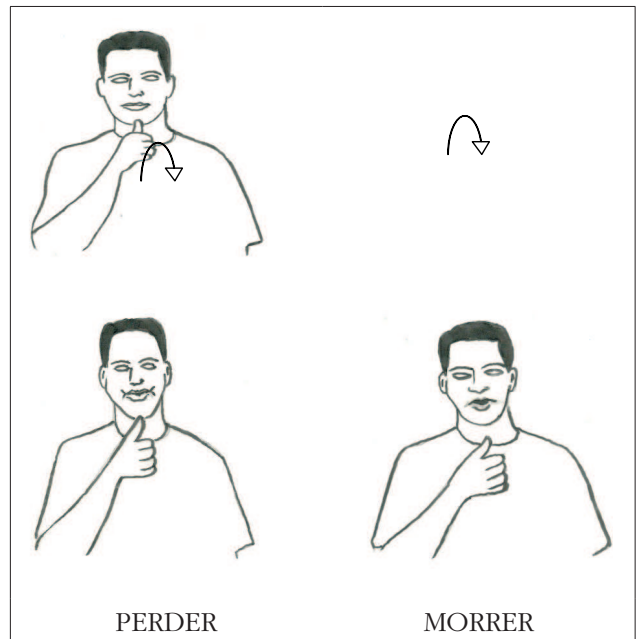
Também em LGP esta distinção é pertinente. A **EF** na LGP pode assumir uma função enquanto parte do léxico – como se pode verificar na figura 2 no gesto AMÊNDOA – e também faz parte do sistema entoacional ou Superarticulação como visto em (i) e ainda acompanha a marcação dos modificadores adjectivais e adverbiais como iremos observar em (iv).



(Fig. 2)

(iii) a expressão facial distintiva dos pares mínimos

A **EF** em LGP serve também para marcar distinções “mínimas” em gestos que através dela se constituem enquanto pares mínimos. É o caso de PERDER e MORRER (figura 3) em que a **EF** assume um papel relevante para a distinção deste “par mínimo”.



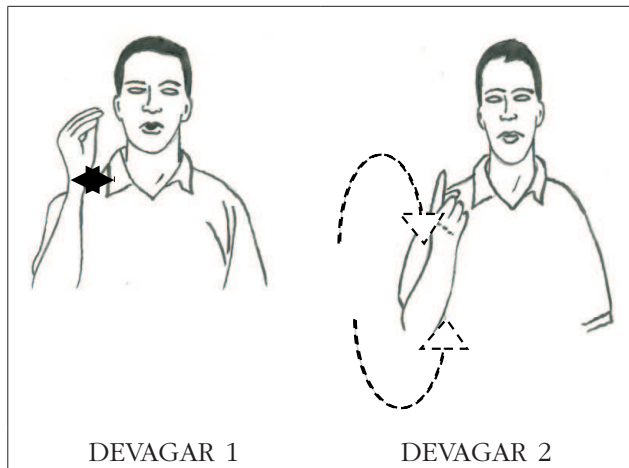
(Fig. 3)

(iv) expressão facial marcadora das formas gramaticais como os modificadores adverbiais e adjectivais

Em LGP a **EF** serve também para marcar outras formas gramaticais como sejam os modificadores, adverbiais e adjectivais.

Assim, os advérbios indicam a forma como se processa um estado de coisas (i.e. depressa, devagar, delicadamente, abruptamente, etc.), tal como se

pode observar na figura 4 no gesto DEVAGAR 1 e DEVAGAR 2 em que a EF marca a forma adverbial.



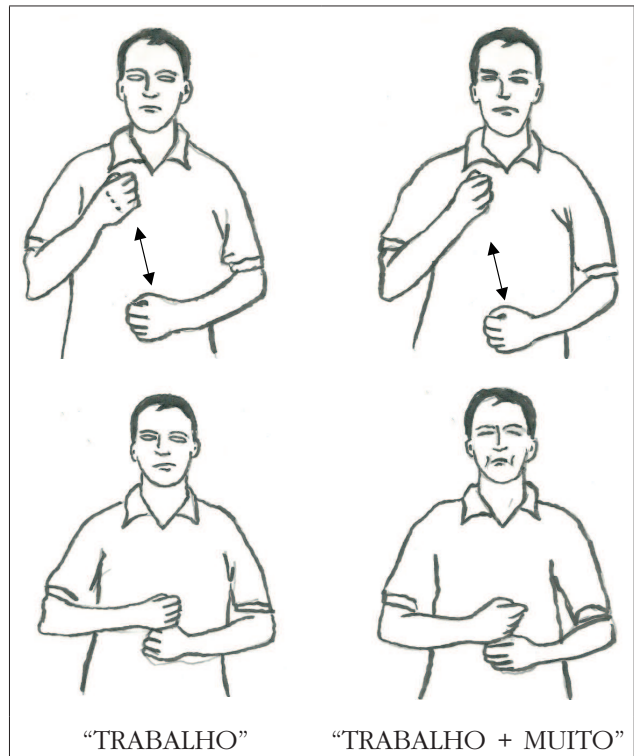
(Fig. 4)

Também os adjetivos em LGP marcam distinções de quantidade, qualidade (i.e. muito, pouco, etc...), tal como podemos observar na figura 5 em CHEIO MAIS e CHEIO e nos gestos TRABALHO MAIS e TRABALHO (figura 6).



(Fig. 5)

Outro Exemplo:



(Fig. 6)

(v) a expressão facial acompanhada de vocalização

Alguns gestos são acompanhados de vocalizações ou ruídos próprios, como por exemplo no gesto PERTENCE, em LGP. Estas vocalizações que acompanham certos gestos em LGP são próprias das línguas gestuais e segundo Sandler & Lillo Martin (2006) outras línguas como a ISL ou a ASL também as têm.

Esta vocalização interna em alguns gestos em LGP nada tem a ver com a vocalização que os Surdos por vezes fazem quando conversam em LGP com ouvintes. Neste último caso, os dois sistemas (gestual e vocal) são chamados para uma melhor compreensão do ouvinte da mensagem e essas vocalizações funcionam como bengalas na comunicação entre Surdo e ouvinte, sobretudo quando o ouvinte não domina a língua gestual.

3. Funções e hipóteses acerca da EF na LGP

A descrição que acima elaborámos relativa à gramaticalização da EF na LGP leva-nos a reflectir sobre a(s) funções da mesma no sistema linguístico.

Julgamos ter demonstrado que a EF na LGP, tal como acontece noutras línguas gestuais (Sandler &

Lillo Martin, 2006, Meier & Sandler, 2008), assume um rol de papéis variados. Assim se por um lado a **EF** pode corresponder à superarticulação (entoação nas línguas orais) o seu papel não se limita a efeitos prosódicos, podendo “agir” enquanto parte integrante do léxico – como no gesto AMÊNDOA – e constituir-se enquanto pares mínimo como nos gestos PERDER e MORRER.

Para além da **EF**, coexiste nas línguas gestuais tal como nas línguas orais a expressão facial enquanto sistema alternativo da comunicação humana servindo propósitos que se prendem com a necessidade de partilhar ou exibir emoções, assumindo a expressão facial, neste caso, um papel não-linguístico (Ekman, 1982).

É importante compreender que a “expressão facial” e a “expressão linguística” obedecem a sistemas neuronais diferentes e autónomos entre si (Nunes & Castro Caldas, 2010). Neurobiologicamente a activação dos dois sistemas em simultâneo representa uma “sobrecarga” de energia cerebral e, tal como o ser humano está programado, a economia energética faz parte endógena da nossa biologia. Assim, a utilização da **EF** prioritariamente enquanto “expressão linguística” caberia dentro desta economia sistémica.

Por outro lado, é interessante observar empiricamente que a **EF** parece encontrar-se mais marcada numa línguas gestuais do que noutras. Uma das hipóteses que aventamos neste artigo – para ser explorada em futuros trabalhos – relaciona-se com a “proibição” de que foram alvo certas línguas gestuais por terem aderido ao oralismo, promovido e proporcionado pelo Congresso Internacional da Educação dos Surdos (CIES) em Milão em 1880. Neste congresso foi assumido teoricamente que o desenvolvimento e consequente uso das línguas gestuais prejudicava a aquisição da língua oral maioritária por parte dos Surdos. Esta assumpção foi totalmente posta de parte quando começaram a surgir os primeiros estudos sobre bilinguismo e organização biofuncional das línguas no cérebro dos bilingues (Kim *et al.* 1997; Peranni *et al.* 2003), provando que a aquisição de duas ou mais línguas em idade precoce não só não prejudica os falantes como promove uma arquitectura cerebral diferente e mais económica (no que respeita as áreas de activação quando se utilizam as línguas) do que no caso de aquisição tardia de uma segunda língua.

O Congresso de Milão não “removeu” como era seu objectivo as línguas gestuais nos países que aderiram às suas directivas mas promoveu a utilização

das línguas naturais dos Surdos, as línguas gestuais, como línguas “proibidas” sendo faladas às escondidas e nos recreios e espaços livres dos Surdos (Amaral *et al.* 1994), fazendo, conseqüentemente emergir um outro tipo de substrato comunicacional: a expressão facial enquanto substituta duma comunicação mais plena, com as mãos. As línguas que não foram afectadas pela obediência ao fatídico Congresso de Milão ter-se-iam desenvolvido de uma forma mais natural não incorporando elementos “extraordinários” como a **EF**, já que estes se revelavam desnecessários pois as mãos estavam livres para gestuar.

Pretendemos, de futuro, compreender de uma forma mais aprofundada a origem e o uso actual da **EF** na LGP, verificando se existe alguma perda ou enfraquecimento da **EF** contribuindo, assim, para os estudos linguísticos na LGP em Portugal.

4. Notas Conclusivas

Neste artigo, fizemos uma primeira abordagem à expressão facial na LGP. Partindo de estudos congêneres doutras línguas gestuais percorremos a distinção entre a **EF** gramatical ou linguística e a expressão facial não linguística, descrevendo as várias manifestações e funções linguísticas da EF em LGP.

De futuro, pretendemos aprofundar este tema, nomeadamente através de um trabalho de experimentação que nos leve a concluir acerca do enraizamento ou enfraquecimento da EF na LGP actual, na senda da hipótese especulativa que aventámos neste artigo.

5. Referências Bibliográficas

1. Amaral, M.A., Coutinho, A, Delgado, M.R. (1994) *Para Uma Gramática da Língua Gestual Portuguesa*, Caminho Editora: Lisboa.
2. Bolinger, D. M (1986) *Intonation and its parts*, Stanford University Press: Stanford.
3. Ekman, P. (1982) *Emotion in the human face*, Cambridge University Press: N.Y.
4. Janzen, T. (1999) *Topicality in ASL: information ordering, constituent structure, and the function of topic marking*. PhD Dissertation, Universidade do México (Inédita).
5. Kim, K.H., Hirsch, J., Relkin, N., De Laz Paz, R. & Lee, K.M., (1997) Distinct Cortical areas associated with native and second languages, *In: Nature*, 388.
6. Lidell, S. K. (1980) *American Sign Language Syntax*, Mouton: Haia.
7. Meier, I & Sandler, W. (2008) *A language in Space – The Story of Israeli Sign Language*, Lawrence Erlbaum Associates, NY – London.
8. Mineiro, A. & Colaço, D. (2010) *Introdução à Fonética e Fonologia nas Línguas Oraís e Gestuais*, UC Editora: Lisboa.
9. Nunes, M.V. Silva & Castro Caldas, A. (2010) *Introdução às Neurociências*, UC Editora: Lisboa.

10. Ohala, J. (1984) "Sound Symbolism", University of Berkley, <http://linguistics.berkeley.edu/PhonLab/users/ohala/papers/SEOUL4-symbolism.pdf>.
11. Peranni, D. , Abutalebi, J. Paulesu, E. Brambati, S. Scifo, P. & Cappa, S.F. *et al.* (2003) The role of age acquisition and language usage in early, high-proficient bilinguals: a fMRI study during verbal fluency, *In: Human Brain Mapping*, 19.
12. Sandler, W. (1989) *Phonological Representation of the Sign: Linearity and Non-linearity in American Sign Language*, Dordrecht: Foris.
13. Sandler, W. & Lillo Martin, D.(2006) *Sign Language and Linguistic Universals*, UK: Cambridge University Press.